

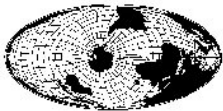
ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Mantenedora: Organização para Estudos Científicos (O.E.C.)

## **Golpe Militar e Ditadura Religiosa nos Estados Unidos: um cenário alternativo**

*Texto para debate de 26 12 2002*

Prof<sup>o</sup> - Fernando G. Sampaio

Reitor da Escola Superior de Geopolítica e  
Estratégia  
Presidente da O.E.C.  
Professor de Pensamento Geopolítico e Estratégico  
Cidadão Emérito de Porto Alegre



## **Golpe Militar e Ditadura Religiosa nos Estados Unidos: um cenário alternativo**

1. OBJETIVO. A atual Guerra Mundial contra o Terror Global (4ª Guerra Mundial) se mostra um conflito muito abrangente no tempo e no espaço. É óbvio que as instituições ocidentais, que são o alvo primordial desta guerra vão sofrer tensões. Elas poderão resistir a estas tensões ou sucumbir a elas. É a última possibilidade que vamos procurar analisar.

2. TERROR GLOBAL. Primeiramente, devemos notar que o Terror Global, que caracteriza a 4ª Guerra Mundial, tem sabido atacar de forma aleatória alvos muito importantes para o Mundo Ocidental, em especial os que dizem respeito ao processo de Globalização como um todo.

Vale lembrar as seguintes linhas de ação:

1. Ataque contra o World Trade Center.
2. Ataque em Bali, Indonésia.
3. Ataque ao aeroporto em Quênia.

Se desdobrarmos estas ações, encontramos as seguintes correlações:

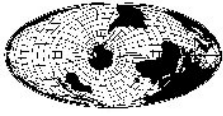
1. Ataque a um centro financeiro global.
2. Ataque a um centro turístico internacional.
3. Ataque ao sistema de transporte aéreo internacional.

Isto significa que estamos diante dos seguintes parâmetros:

1. Lançar confusão e determinar perdas ao sistema de operações financeiras global;
2. Lançar pânico e provocar a bancarrota de centros internacionais de turismo, o que equivale a atacar a Globalização pelo seu lado de lazer; intercâmbio e conhecimento de pessoas, conseqüentemente de culturas, etc.
3. Lançar descrédito sobre a segurança do sistema internacional de transporte aéreo, mostrando como os aviões comerciais são vulneráveis, em todo o mundo, ao decolar e pousar;
4. Secundariamente, o ataque contra Bali e contra o aeroporto em Quênia, aprofundam a crise das companhias aéreas, que já é mundial e, com isto, fazem diminuir, ao longo do tempo, o impacto globalizante da viagens aéreas internacionais, que estavam se democratizando, nos últimos tempos.

Estas ações, apontam, portanto, para uma tentativa, ainda tênue, de obrigar os países e povos a ficarem em seus territórios. Restringem o turismo e a segurança no transporte aéreo.

3. SEGURANÇA INTERNA. Ao mesmo tempo, estas ações de Terror Global deixam claro que os territórios nacionais não estão seguros e que é necessário aumentar as medidas de salvaguarda em todos os sentidos. Assim, a tendência geral é o incremento dos serviços



policiais, espionagem, diminuição dos direitos civis e, enfim, uma maior intromissão dos Estados sobre a vida e os negócios dos cidadãos.

Ou seja, a insegurança provocada pelo terrorismo vai provocar uma insegurança pessoal pelo crescente aumento de insegurança dos Estados, com seus inevitáveis abusos. Assim, o objetivo primordial da guerra da El-Qaeda, liderada por Bin-Laden é atingido:

o sistema democrático precisará, gradualmente, entrar na defensiva e isto significa uma diminuição de democracia, para poder enfrentar o terror.

Pergunta-se, até que ponto estas tensões e contradições não levarão, ao longo do tempo, ao colapso do mundo democrático, como nós o conhecemos hoje?

4. O FIM DA HISTÓRIA. Em 1989, o pesquisador da Rand Corporation, Francis Fukuyama, publicou um artigo sobre “O Fim da História”, na revista “The National Interest”, mais tarde (1992) transformando o tema em um livro muito polêmico, mas pouco lido efetivamente.

Seguindo as idéias de Hegel sobre uma finalidade no curso histórico, Fukuyama defendia que o fim da ditadura comunista na Rússia e nos países do leste europeu, abriria caminho para a história atingir seu final, isto é, a comunidade mundial iria gradualmente tendendo a estabelecer valores democráticos e o mundo, sendo todo ele constituído segundo tais valores, veria chegar ao fim o problema das guerras, já que as democracias não entram em guerra umas contra as outras. Pelo contrário, o triunfo das democracias, do liberalismo e do capitalismo global, levaria o mundo a uma Era de História Globalizada, em que o comércio, o turismo e a troca geral de pessoas, capitais e idéias nos levaria o mais próximo possível de um Estado de Coisas Ideal.

O livro foi muito criticado porque muito, sem o lerem, entenderam que a História sofreria alguma espécie de paralisia (o “fim”). Na verdade, o “fim da história” é a questão de a história humana ter alguma finalidade, isto é, estar sendo conduzida, por um processo evolutivo, a algum estado melhor ou superior ou ideal.

O conceito, em si, é idealista e está eivado de noções que tem sua matriz no cristianismo e no comunismo, se o entendermos, o que nos parece coreto, como uma heresia cristã.

Imagina-se que a história siga uma linha de aperfeiçoamento, senão contínua, pelo menos, tendendo ao aperfeiçoamento.

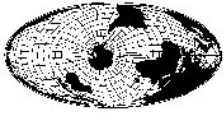
O que observamos, na realidade, foi bem o contrário.

O fim da 3ª Guerra Mundial (a Guerra Fria), com o esfacelamento do Bloco Soviético, levou o mundo a ver triunfar, por breve período de tempo, as idéias dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, isto é, democracia, capitalismo, liberalismo.

Logo, porém, a irrupção da Guerra do Golfo, o agravamento da luta na Palestina, a instabilidade no Irã, acabaram por fermentar um clima de confronto entre esta ascendência e triunfo da Civilização Ocidental e a Civilização Islâmica, em particular, os seus elementos mais intolerantes e ativistas, os partidários do Fundamentalismo.

Entre o final do Bloco Soviético e a irrupção da 4ª Guerra Mundial (o Terror Global), passaram-se apenas dez anos!

A vitória do Ocidente e o fim da contestação à sua supremacia, pela chamada “esquerda”, dita “comunista”, foi substituída pelo avanço dos militantes radicais do



Islamismo, que vêem nesta vitória/supremacia um desafio mortal para os princípios que regem a sua sociedade e o seu modo de vida e de pensar o mundo.

Assim, o perigo comunista desapareceu, é certo, mas outro desafio, talvez mais vital, mais mortal, mais profundo, brotou no mundo.

PORTANTO, a idéia de Fukuyama, apresentada de forma idealista e com toda a boa vontade, não vai se concretizar.

A HISTÓRIA não encontrou, ainda o seu “fim”, isto é, sua “finalidade” e cabe perguntar se, na verdade, a história tem algum fim ou finalidade.

Aparentemente, não.

A luta continua e a vitória, seja qual for, não é certa.

5. O FUNDAMENTALISMO. Ao contrário do Comunismo, que era uma heresia judaico-cristã, o Islamismo não tem nenhuma conexão com a Civilização Ocidental, a filosofia ocidental, o modo de viver e atuar do Ocidente.

Logo, uma evolução do capitalismo liberal e global para o mundo de autoritarismo e obscurantismo fundamentalista não nos parece provável.

Na verdade, se afigura impossível. A não ser que o Ocidente entre em profunda regressão.

As declarações de mau gosto das lideranças americanas sobre o “restabelecimento da democracia” no Iraque, com o fim da ditadura de Saddam Hussein, não passam de conversa fiada. O Mundo Muçulmano nunca produziu e, com toda a certeza, dificilmente produzirá regimes democráticos, liberais e capitalistas. A não ser que deixe de ser o que é.

Justamente aí está o ponto central da reação fundamentalista muçulmana: o Islan não quer deixar de ser o Islan e, logo, não vai abandonar sua visão de mundo mais ou menos cristalizada na Idade Média.

É para impedir esta linha evolutiva ou se preferirem, simplesmente é para impedir que a história siga tal curso, que os fundamentalista trabalham. O que eles desejam é preservar o seu Mundo, contra o poder modificador que o Ocidente exerce, depois da vitória sobre a heresia comunista.

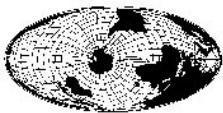
Para o Islan, o fim do comunismo, que era ateu foi bom.

Agora, eles querem ver o fim do Ocidente, que se não é ateu é, contudo liberal (e meio agnóstico) e, sobretudo, Materialista.

Assim, se antes o Islan podia ser aliado do Ocidente e dos Estados Unidos contra o Comunismo, derrotado este, se rompe a aliança e o Islan se vira contra o rival que permanece, o Ocidente.

6. A 4ª GUERRA MUNDIAL. Não é demais insistir que estamos vivendo uma Nova Guerra Mundial, completamente diferente das guerras mundiais anteriores, já que não se trata de luta entre Estados ou alianças de Estados, mas de luta de um Grupo Internacional Terrorista, sem face, mas alicerçado no Fundamentalismo Islâmico, contra os Estados Unidos.

Até agora, esta luta conseguiu se manter uma luta política. O seu lado ideológico é pouco explicitado (se recuperam os chavões esquerdistas como “imperialismo”, etc.) e, sobretudo e para alívio (temporário), esta luta não se mostra uma Guerra de Religiões.



No momento em que atingir tal patamar, a luta do Islã contra o Cristianismo (pelo menos em sua versão Protestante Liberal Anglo-Saxônica), não se sabe que desdobramentos poderão ocorrer.

É sobre este ponto que queremos enfocar esta análise.

Vamos tratar de um cenário alternativo, em que o curso histórico leve a uma declarada guerra religiosa. Isto equivale a dizer: uma Guerra Civilizacional. Teremos concretizado, então, o panorama descrito por outro pesquisador americano, o professor Samuel P. Huntington, que lançou o seu “Choque das Civilizações” em 1996, pouco depois, portanto, do trabalho de Fukuyama.

Será tal cenário possível?

Parece que sim.

A administração americana atual, resolveu derrubar o ditador do Iraque do poder.

Observa-se, no entanto, a dificuldade dos Estados Unidos para realizar, uma década aproximadamente depois, uma nova campanha militar na região.

O regime ultra-conservador da Arábia Saudita é contra. O Irã permanece cauteloso. A Síria e a Jordânia precisam ser comprados. O próprio Kuwait e demais emirados e xecados estão hesitantes.

O mundo árabe, como um todo, vê com profundas reservas a determinação americana de substituir o regime em Bagdá por clientes seus.

Os americanos, então, se voltam para a Rússia e a França e, juntamente com os ingleses, retraçam as linhas de domínio e administração do petróleo da região. Petróleo e matéria primas para adubos são a grande riqueza do Iraque. Dois produtos altamente estratégicos: combustível/transporte e adubação/alimentos.

Os Estados Unidos abandonam toda a cautela e inventando pretextos de Guerra contra o Terrorismo, enquadram o Iraque no atual conflito, do qual ele está, na verdade, distante.

O regime ditatorial de Saddam, é personalista e laico. Saddam, na verdade, é um inimigo para a sua própria religião. Seu papel, atacando o Irã depois da vitória dos Aitolás foi defender os regimes conservadores árabes justamente contra o Radicalismo e Fundamentalismo dos Xiitas do Irã. Foi para conter o expansionismo do Irã, que poderia abalar pela revolução religiosa os demais produtores de petróleo que o Ocidente e os Estados Unidos ajudaram Saddam na sua guerra contra Teerã.

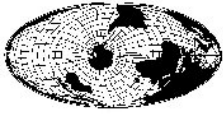
Agora, os aitolás tentam vagas aproximações, dão sinais de apaziguamento (talvez, quem sabe?, em função do despoletamento do fundamentalismo radical, que não obedece a nenhum governo?) e o papel de contenção do Iraque deixa de existir.

Ao mesmo tempo, o irritante apoio de Saddam para a causa palestina, financiando os “homens-bomba”, desperta alarme nos Estados Unidos.

O certo é que Saddam foi eleito o bode expiatório para as frustrações americanas, que tem que lutar contra um adversário de um novo tipo, sem país, sem território, se governo e sem face.

É muito mais fácil realizar uma Guerra Clássica, contra um Estado, contra um Ditador.

Saddam Hussein é, assim, o alvo perfeito, pelo menos por agora, enquanto os americanos procuram se acostumar a este novo cenário.



7. GOLPE MILITAR. Se os Estados Unidos conduzirem sua guerra contra o Iraque, com êxito, o que é muito provável, o mundo vai experimentar, nos parece, um novo alinhamento, como até então não se previa.

A humilhação que esta derrota vai acarretar para a mentalidade árabe e para os fundamentalistas islâmicos será enorme.

Não se sabe que rumo a Arábia Saudita e os demais países árabes ou arabizados vão tomar. Não se sabe, até mesmo, até que ponto, esta guerra dos americanos contra o Iraque não vai repercutir sobre o conflito entre a Índia e o Paquistão.

É possível, algo que já foi noticiado, que o fundamentalismo ataque com muita violência no Timor Leste.

Se isto ocorrer, como os indícios apontam, o objetivo declarado do fundamentalismo muçulmano será destruir o enclave timorense que é de língua portuguesa (e inglesa) e é católico (religião do Ocidente).

Quem vai apurar o golpe será a Austrália e a Nova Zelândia, aliados principais e mantenedores, na região, da Civilização Ocidental e dos Estados Unidos.

Nós temos, assim, um quadro bastante complexo:

1. Estados Unidos versus Iraque.
2. Índia versus Paquistão.
3. Fundamentalismo versus Timor Leste.
4. Envolvimento da Austrália/Nova Zelândia

Se isto vier a ocorrer, nesta ordem ou noutra ordem, de qualquer forma teremos os seguintes alinhamentos:

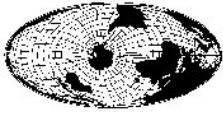
1. Estados Unidos, ou seja, Cristianismo Protestante contra Mundo Árabe/Mundo Muçulmano.
2. Civilização Hindu contra Mundo Muçulmano.
3. Enclave Católico (cristão) contra Fundamentalismo Muçulmano.

Estes pontos explosivos apontam para um mundo, no médio prazo, muito instável, em que as viagens aéreas e o turismo internacional, assim como o trânsito marítimo (e outros) de petróleo e gás já são alvos de ataques seletivos, em pontos geográficos muito distantes, tudo gerando um mundo em desordem, em que a ordem terá que ser mantida pela força.

Não estariam certas lideranças americanas, neste futuro (mais de dez anos para a frente, desde o momento presente), propensas a, pela via do Golpe de Estado, buscar num governo forte/autoritário ou mesmo ditatorial, enfrentar esta luta global?

Ou seja, o Terror Global não poderá abalar a democracia americana ao ponto em que ela, para que os Estados Unidos sobreviva como Nação, ter que abrir mão de certos princípios que lhe são caros?

O Terror Global do Fundamentalismo Muçulmano não pode levar os Estados Unidos, a bem de sua sobrevivência a se transformarem numa ditadura?



Não poderia tal ditadura evoluir para um obscurantismo fundamentalista cristão protestante, para fazer face ao fundamentalismo islâmico?

8. NOVA GUERRA, NOVA IDEOLOGIA. Ou seja, se na 3ª Guerra Mundial, o sistema econômico liberal e a ordem democrática eram os apoios ideológicos, face a um desafio do comunismo, que era um sistema econômico não liberal e uma ordem social também não liberal, como, nesta Nova Ordem de Desafios, não mudar os objetivos a serem defendidos?

Se o Desafio é Fundamentalista Muçulmano e, portanto, religioso, acima de tudo o mais, não levará os Estados Unidos (e o Ocidente) a priorizarem os seus fundamentalistas?

Francis Fukuyama, no “Fim da História”, lembrava:

“os Pilgrim Fathers e outras comunidades puritanas nos Estados Unidos tiveram origem mais em valores religiosos compartilhados do que no egoísmo racional. Eles estavam ligados por um interesse comum não voltado para seu próprio bem-estar material, mas para a glorificação de Deus. Os americanos costumam dizer que seu amor à liberdade remonta ao tempo das seitas não conformistas que no século XVIII fugiram da Europa para escapar das perseguições religiosas. Mas embora estas comunidades religiosas tivessem um caráter extremamente independente, não eram liberais como as gerações que fizeram a Revolução entendiam o liberalismo. Queriam liberdade para praticar sua religião, não a liberdade per se. Poderíamos considerá-las, como o fazemos hoje, como grupos de fanáticos intolerantes e de mentalidade estreita” (p. 391).

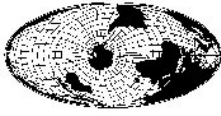
Ou seja, Fukuyama nos lembra que os Estados Unidos nasceram e se desenvolveram graças a comunidades religiosas fundamentalistas, e elas ainda são preponderantes na formação de sua mentalidade geral, em especial no interior e, mais particularmente, no sul.

Todo o trabalho dos liberais, que conduziram a Revolução Americana, foi dominar este fanatismo, este fundamentalismo americano (que é isalocionista).

Entretanto, reconhece Fukuyama, o liberalismo terminou por minar certos valores que eram básicos na formação americana.

E, conclui ele, profeticamente:

“numa situação em que todos os moralismos e fanatismos religiosos são desencorajados no interesse da tolerância, num clima intelectual que enfraquece a possibilidade de crença em qualquer doutrina por causa do compromisso mais forte ser aberto a todas as crenças do mundo e a todos os sistemas de valores, não é de admirar que a vida de comunidade tenha declinado nos Estados Unidos. Esse declínio ocorreu não a despeito dos princípios liberais, mas por causa deles. Isto sugere que não é possível nenhum fortalecimento da vida em comunidade a não ser que os indivíduos devolvam às comunidades alguns de seus direitos e aceitem o retorno de certas formas históricas de intolerância. Em outras palavras, as democracias liberais não são auto-suficientes: a vida comunitária da qual dependem deve, em última análise, emanar de uma fonte que não seja o próprio liberalismo.” (p. 392)



Fukuyama já deixava claro, em seu polêmico trabalho, que os Estados Unidos tinham forte raiz fundamentalista religiosa e que o enfraquecimento da sociedade americana (consumismo, drogas, nihilismo, etc.), poderia ser combatido por princípios fora da Ordem Liberal, vale dizer, apelando para as raízes protestantes, para a religião na América. Já antes de Fukuyama, outro controvertido autor, o professor Allan Bloom, da Universidade de Chicago, em seu “O declínio da cultura ocidental” (1987, com o subtítulo: da crise da universidade à crise da sociedade), havia dito:

“São as culturas que se guerreiam. Tem de fazê-lo, porque os valores só valem na medida em que vencemos outros e não arrazoando com eles. As culturas tem concepções diferentes, as quais determinam o que é o mundo. Não conseguem chegar a entendimento, pois não há comunicação sobre coisas supremas. Cultura significa uma guerra contra o caos e contra outras culturas.” (p. 254)

Uma visão fundamentalista, esta a de Bloom, como se verifica.

Não é de espantar, portanto, que muito depois dele, Samuel P. Huntington tenha podido escrever que as guerras do século XXI seriam guerras civilizacionais.

Aos que pensavam que tudo era imaginação ou exagero de pensadores acadêmicos desligados da realidade, os ataques da El-Qaeda e a figura mefistotélica de Bin-Laden, falando para a televisão, via satélite, da boca de uma caverna perdida nas montanhas do Afeganistão, mostraram que a realidade do século XXI é de fato, muito mais complexa.

Estamos diante de um Novo tipo de Guerra em que a Religião foi convocada por um lado. Será questão de tempo para ela ser convocada pelo outro lado. Será muito mais fácil defender uma religião e, portanto, uma cultura, do que defender o capitalismo global, o princípio da liberdade de comércio e as rotineiras eleições para mudança de políticos no poder.

Infelizmente, podemos estar marchando para tais (novas?!) realidades.

E, naturalmente, quem vai assinalar, no Ocidente, tais rumos, serão os Estados Unidos.

9. O PERIGO DO GOLPE. Os americanos, desde o final da 2ª Guerra Mundial, tem um respeitável medo do golpe militar.

Num famoso memorando do Congresso dos Estados Unidos, o então Senador Willian Fulbrigh, chamando a atenção para a crescente intensidade da então “guerra fria”, dizia:

“ o presidente Kennedy afirma que o país se defronta com o encargo de uma longa luta crepuscular cuja solução talvez não venha no nosso período de vida neste planeta. O extremismo de direita é de se esperar que tenha grande atração para as massas em períodos como este. Ele oferece a solução simplista, facilmente compreensível: malhar os demônios que infestam o corpo político, ou, se for preciso, chegar até lá e desancar o inimigo. Se os militares estão infectados pelo vírus deste extremismo de direita, o perigo é digno de atenção. Se eles acreditam que o povo está, o perigo é maior. Se o fato de os militares “educarem” o povo aumentar a febre dos dois grupos, o perigo é realmente grande. Talvez seja um tanto rebuscado lembrar a revolta



dos generais franceses como um exemplo de perigo extremo...” (p. 28, citado conforme O poder do Pentágono, Jack Raymond, Saga, RJ, 1965).

O professor Morris Janowitz, sociólogo com trabalhos sobre os militares, lembrava na época, que a mentalidade dos militares, nos Estados Unidos, como em toda a parte, era “conservadora”.

Mas acrescentava:

“na maior parte dos casos, estes oficiais tem sido defensores da doutrina do Partido republicano. São porta-vozes de sentimentos latentes, que podem vir à tona em períodos de extrema frustração política.” (O soldado profissional: um estudo social e político, GRD, RJ, 1967, p. 233).

Voltando ao livro de Jack Raymond, lemos:

“historicamente, tem este país estado alerta para os perigos da dominação militar... o perigo também do ‘civil à cavalo’. A unificação das forças armadas, defendida por Robert McNamara, faz surgir certos perigos sutis e insidiosos, perigos rasteiros, de ordem política, militar e administrativa. Perigos que poderão representar, na sua forma mais acabada, ameaça quase tão grande, para uma nação segura e livre quanto a tentativa de golpe militar, imaginada no recente romance ‘Sete Dias de Maio’” (p. 178, vol. II).

O romance, mais tarde filme de sucesso, refletia, portanto, perigos reais sentidos pela comunidade pensante nos Estados Unidos, sobre um possível golpe militar, para melhor enfrentar o “perigo comunista”.

Agora, assistimos a um perigo muito maior, a emergência de uma época de enorme frustração política, em que predomina a política do Partido Republicano, justamente, tudo apontando para uma escalada, pelos americanos, em uma guerra de um novo tipo, que eles talvez não possam controlar e que pode, muito bem, levar o mundo aos choques de civilizações imaginados por Huntington e outros.

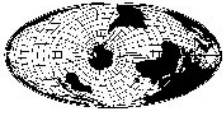
Se isto vier a ocorrer, o grande temor seria o golpe militar ser desencadeado por um “civil à cavalo”, com apoio militar.

O cenário não seria puramente militar, como imaginado em 1962 por Fletcher Knebel e Charles W. Bailey II, autores de “Sete Dias de Maio”, (Record, Rio de Janeiro, 1964, várias edições, filme de John Frankheimer).

O cenário, na verdade, poderia ser o de um político dando um golpe, com apoio militar e, talvez, popular.

10. O CASO NIXON. Sabe-se, há muito tempo, que o presidente Richar M. Nixon ordenou a preparação de planos especiais de emergência, no caso de “distúrbios civis”, que equívalem à Casa Branca ter os poderes de ordenar a intervenção em larga escala de forças militares dos Estados Unidos. Tais planos e a determinação que Nixon apresentava para utilizá-los, levou os Estados Unidos a estarem à beira de um golpe de Estado, quando do início da investigação sobre o escândalo Watergate.

Naquela ocasião, o general Alexander Haig, que era chefe da casa civil de Nixon, e outros líderes militares e civis foram vigiados de perto por setores legalistas dentro do Governo dos Estados Unidos, que temiam que o presidente Nixon ou seus auxiliares colocassem em vigor os planos especiais de contingência para emergência, para camuflar e



– na verdade- executar um golpe de Estado, o que incluiria o fechamento e expurgo do Congresso Americano.

É muito possível que a cobertura de propaganda desta quase tentativa, não se esclareceu ao certo até onde foi o caso, seria a guerra contra os comunistas no Vietnã, que acabou sendo liquidada pelo sucessor de Nixon, o vice-presidente Gerald Ford.

Os chefes do estado-maior Conjunto e o Secretário de Defesa (equivalente ao nosso Ministro da Defesa) deram ordens escritas para que nenhuma unidade militar acatasse qualquer tipo de ordem emanada da Casa Branca ou do próprio presidente Nixon, por fora da cadeia de comando normal. Segundo o colunista Jack Anderson, o presidente Nixon nunca insinuou que poderia declarar estado de emergência e colocar a capital sob Lei Marcial. Porém, ele se cercou de homens que provavelmente cumpririam as suas ordens.

Por sua vez, diz Anderson, os chefes do Pentágono não mostraram qualquer inclinação para desafiar uma ordem Presidencial.

Em fins de agosto último (1973), perguntaram ao chefe do Estado Maior Conjunto, almirante Thomas Moorer, durante audiência no Senado, se podia conceber uma situação em que desobedecesse a uma ordem.

Como militar, ele respondeu, “nunca pensei em obedecer as ordens que me agradavam e desobedecer às que me desagradavam. Portanto, quando recebo uma ordem, obedeço”.

Parece evidente o perigo, para a democracia americana de ser golpeada pelo “civil à cavalo”.

Mas os militares também são perigosos.

O mesmo general Alexander Haig, mais tarde, ainda na Casa Branca, durante o governo Reagan, virtualmente tomou o Governo sob suas asas, em abril de 1981, portanto, sete anos depois de Ter sido protagonista de um obscuro manejo de militares durante Watergate.

Desta vez, logo depois que Reagan foi para o hospital, baleado num atentado cometido por um desequilibrado, Haig saiu de seu posto no Departamento de Estado e assumiu a Casa Branca, escorado em “precedência de cargo”.

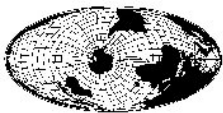
Tomando conta da Sala de Situação, o centro de comando subterrâneo na Casa Branca e ocupando o lugar do presidente, ele declarou que “o sistema de controle de crises estava em ação” e que ele, assumia o comando, já que o presidente estava no hospital e o vice-presidente, nada mais nada menos do que George Bush estava no Texas.

Acontece que o Secretário de Estado é o quinto na linha de sucessão, precedido pelo Presidente da Câmara dos Deputados e pelo vice-presidente do Senado.

O general Haig, simplesmente, passou por cima dos representantes do Poder Legislativo... Para piorar a situação, em caso de crise, o Secretário de Defesa passa, por lei de 1947, para a frente do Secretário de Estado...

Haig, assim, ainda acabou criando um problema com as Chefias Militares.

Ele, na verdade, se colocou na posição que atuaria, no caso de o antigo presidente Richard Nixon lhe dar ordens para o golpe de Estado, como se temia, durante o caso Watergate. Isto reforçou, na verdade, a certeza sobre as intenções de Nixon e seus colaboradores, em 1973.



11. NOVAS MEDIDAS DE DEFESA. Atualmente, os Estados Unidos voltam a enfrentar seus fantasmas, quando o presidente George Bush Jr. cria o novo Departamento de Informação (Information Awareness Office). Trata-se de uma nova entidade dentro do Pentágono para prevenção de atividades terroristas. Seu programa de trabalho prevê que poderá, em tese, rastrear as operações de toda a população americana, mostrando quem e quando comprou alguma coisa, que chamadas telefônicas realizou, para onde e como realizou viagens, etc.

Além de poder espionar e controlar atividades de qualquer pessoa, sem licença, o que mais preocupa os americanos é que na chefia do novo órgão foi colocado o almirante da reserva John Poindexter, já condenado por mentir ao Congresso em depoimentos sobre o nebuloso e célebre caso das vendas e trocas de armas e sabe-se lá mais o quê do caso Irã-Contras.

Ou seja, como no caso do general Haig, que foi mantido depois do possível golpe Watergate, agora chama-se um outro tarimbado militar... também especializado em golpes, para controlar a vida dos cidadãos americanos, que já sofreram restrições, dentro do que a revista Newsweek chama de “estratégia da Casa Branca para diminuir as liberdades civis em troca de ganhar maior segurança nacional” (p. 29, dezembro, 2, 2002).

É de se notar que os Estados Unidos já criaram uma nova agência inteira, chamada Homeland Security Agency, que engloba os serviços de um exército territorial.

Na criação desta nova agência nacional, o governo americano deixou bem claro que separava completamente a questão da Defesa (Externa) com o problema da Segurança Interna.

Ou seja, os Estados Unidos passaram a seguir, por exemplo, o modelo da Rússia que possui um exército interno, subordinado ao Ministério do Interior e que nada tem a ver com as forças armadas, subordinadas aos Ministros Militares e sob comando do Ministro da Defesa.

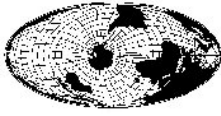
Um dos pontos que chama mais a atenção para a segurança interna americana e que serve de ponto de apoio para a questão de um golpe de Estado, é o crescente número de Milicianos, organizações paramilitares, fardadas, que utilizam o sistema de recrutamento e postos, meio à margem da lei e que pretendem proteger os Estados Unidos de uma suposta conspiração mundial, executada pelo “judaísmo internacional” em conjunto com o governo, em especial o Congresso.

Estas milícias existem em 40 Estados pelo menos, e somam pelo menos, 100 mil homens, embora os ativistas falem em 3 milhões, número considerado exagerado pelo FBI.

É interessante observar que o discurso das milícias é igual ao discurso das alas mais lunáticas do PT brasileiro e de outros fanáticos pelo resto do mundo, que pretendem implantar ditaduras por via de golpes de Estado.

Dizem os milicianos que “o governo federal americano foi tomado por forças estrangeiras. A ONU e os banqueiros internacionais conceberam o plano que se chama Nova Ordem Mundial, e que será um governo mundial”.

Eles acreditam que o território americano, sob este plano, será dividido entre negros, mexicanos e outros povos. É muito parecido com o delírio da tomada da Amazônia pelos americanos, que se difunde aqui. Eles afirmam, também, há muitos anos, que já existem campos de concentração prontos para prender os “patriotas”.



O pior é que não são só os milicianos que incomodam a ordem democrática nos Estados Unidos.

Segundo relatório do Projeto Megido, do FBI, preparado para prevenir atentados por ocasião da mudança do milênio, entre 2000/2001, causam preocupação quanto à ordem pública, outros grupos, em especial:

1. Cultos do Apocalipse (seita Dravidiana, por ex.).
2. Os grupos Supremacia Branca (nazistas americanos).
3. Os grupos de Negros de Identidade Hebraica (e outros, como as Milícias Muçulmanas, etc.).
4. Igrejas Radicais (como Identidade Cristã, que serve à chamada Igreja da Nação Ariana).
5. Outros grupos como a Ku-Klux-Klan, Skinheads, etc.

O poderoso grupo chamado Nação Ariana pretende, no caso da “invasão dos Estados Unidos pela ONU e a conspiração mundial sionista”, declarar separados e formando um outro país, os Estados do Oregon, Idaho, Wyoming, Washington e Montana.

No caso dos cultos Apocalípticos, embora sejam grupos não muito grandes, o FBI já conseguiu identificar mais de mil (1000), muitos deles também dispoendo de arsenais, incluindo armas pesadas e prontos a entrar em guerra no que chamam de Dia do Juízo Final. Muitos acreditam que este dia, que está próximo, será o da “nova vinda de Jesus Cristo” e haverá uma guerra racial, com a morte de “milhões”.

12. TÉCNICAS DO GOLPE. Se os Estados Unidos, agora, não estão em condições de sofrer um golpe de Estado eles já estiveram, no passado recente, perto de ver isto ser realizado, por lideranças civis belicosas e alguns militares mais autoritários.

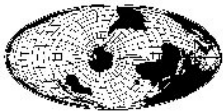
O que se teme é que os elementos radicais existentes dentro da América, como as milícias, a Nação Ariana, a KKK e outros, venham a desencadear uma onda de terror, que se some e amplie o terror da El-Qaeda.

É tido como muito possível, que as cartas com Anthrax foram todas elas distribuídas por americanos, ligados a estes movimentos lunáticos, desejando com isto, ampliar a confusão e propiciar o ambiente para uma modificação no sistema democrático americano.

As medidas de restrições aos direitos civis, que também estão sendo implementadas em outros lugares (notadamente na Inglaterra, que sofreu uma tentativa de golpe em 1968) e os novos sistemas de segurança, a Agência Homeland e o Office of Information, etc., mostram que o governo americano está disposto a trocar segurança pela adoção de medidas policiais mais fortes internamente.

Quanto mais a 4ª Guerra Mundial, contra o Terror Global for escalada e quanto mais tempo ela durar, é muito provável que diversos sistemas em operação serão postos em xeque em todo o mundo.

Por exemplo, ataques mais bem coordenados contra aviões no pouso ou decolagem, afundamento mais sistemático de petroleiros ao longo da costa da África, bombas devastadoras contra centros de turismo, ataques contra bancos e centros de computação,



etc., até que a circulação de pessoas, as companhias de aviação e a indústria de turismo sejam severamente danificadas.

Com isto, um dos aspectos da globalização será colocado em xeque e o mundo tenderá a um maior isolacionismo e a fechar os territórios nacionais.

O ataque contra Bali, quase ao mesmo tempo em que se davam ataques devastadores em Israel e ocorria a tomada de um teatro inteiro em Moscou, mostra que o mundo está assistindo a um conflito global, espalhado por muitos nichos e que a orquestração dos atentados tende a fazer erodir o sentido de segurança fora do Mundo Islâmico.

Assim, é possível que, no afã de procurar esta segurança, os Estados Unidos venham a se fechar e ver brotar, em seu caldo de cultura fundamentalista, uma idéia de Golpe Militar/Civil, que leve ao estabelecimento de algum tipo de Ditadura, que prometeria repressão aos subversivos (aí incluindo o uso de drogas e uma onda moralista geral).

É possível também, que os Estados Unidos, se persistir a Guerra de Terror Global, e se ela vier a se intensificar depois da esperada ação contra o Iraque, encontre em seus grotões e entre seus caipiras, o volume de gente necessário para estabelecer uma renovação fundamentalista protestante. Neste caso, uma ditadura para dar segurança, em troca das liberdades civis, poderia levar os americanos a vivenciarem um Estado Religioso Fundamentalista, já no quadro de um Choque de Civilizações, onde Ocidente e Oriente se enfrentariam, no campo das crenças místicas.

Segundo Edward Luttwak, em “Golpe de Estado: um manual prático” (Paz e Terra, RJ, 1991, p. 34):

“os fatores temporários que podem enfraquecer as democracias e levar aos golpes de Estado são:

1. severa e prolongada crise econômica, com altas taxas de desemprego e inflação galopante;
2. uma guerra longa e malsucedida ou uma importante derrota militar ou diplomática;
3. instabilidade crônica de um sistema multipartidário;”

Os Estados Unidos, claramente, marcham para enfrentar a situação classificada como número 2. Resta saber se nesta condição 2, serão preenchidas as “condições objetivas para o golpe”: a) simpatia das forças armadas; b) opinião pública favorável; e c) situação internacional “conveniente”.

Não esquecendo, é claro, a velha lição de Lênin: os golpes são realizados por minorias militantes.